

(transcrição)

Amã, 29 de novembro de 1999

## **Uma espiritualidade para uma convivência fraterna**

Chiara na VII Conferência Mundial das Religiões pela paz

*Moderador: Para mim, é um grande prazer e também uma grande honra e privilégio apresentar a esta Assembleia a senhora Chiara Lubich, presidente e fundadora do Movimento dos Focolares, que nos falará da espiritualidade que ajuda à convivência.*

*Chiara:* Senhores delegados, irmãos e irmãs de todas as religiões, ao exprimir a minha profunda gratidão pela acolhida que recebi neste esplêndido país, saúdo cordialmente a todos e a cada um pessoalmente. Dirijo um sincero agradecimento ao Secretário Geral da Conferência Mundial das Religiões pela Paz por me ter convidado, em nome do Comitê de organização e do Comitê executivo internacional, a falar a esta Assembléia no seu encerramento, com algumas reflexões e experiências sobre o tema: "Uma espiritualidade para uma convivência fraterna"».

É uma grande honra para mim participar de um evento tão importante.

Sentimos sobre nós, nestes dias, o peso de uma enorme responsabilidade: a de representar as nossas tradições religiosas no desafio mais decisivo deste e do futuro milênio: a construção de um mundo novo e pacificado.

Os vários problemas examinados, os programas de ação em favor da paz, a declaração final desta Assembleia, são para todos nós motivo de um empenho que talvez supere as nossas forças. Por isso é imprescindível lembrar os grandes ideais que nos estimularam a nos reunir, pois somente acreditando neles poderemos enfrentar as missões futuras.

Sabemos o que incentivou os inspirados fundadores da Conferência e o que ainda hoje atrai todos nós: o amor pela paz.

Nós nos encontramos aqui porque estamos profundamente convencidos de que, apesar de tudo, a paz é possível, aliás, é o único caminho viável e que conduz a um futuro digno dos mais altos valores humanos.

Estamos aqui porque profundamente convencidos de que trabalhar pela paz corresponde à nossa vocação mais profunda, às exigências mais sinceras do coração humano e, numa palavra, ao nosso ser mulheres e homens religiosos.

Diante dos grandes desafios modernos da tecnologia, dos conflitos étnicos, da pobreza e da violação dos direitos humanos, "as religiões devem extrair – como dizia o bispo P. Rossano, especialista na matéria – da essência do seu próprio ser as suas forças espirituais para ajudar a humanidade de hoje e conduzi-la à solidariedade e à paz".<sup>1</sup>

Cada um de nós, movido pela própria fé religiosa, sem dúvida se comprometeu nesta maravilhosa aventura.

Cada um fez experiências positivas e negativas, que partilhou nestes dias, tentando propor novas soluções para os problemas e novos incentivos para prosseguir.

Permitam-me, por isso, oferecer hoje a minha experiência, feita em contato com pessoas de todas as idades, raças, religiões e etnias, de todas as latitudes do planeta. É a experiência de uma vida e de uma ação em conjunto que pode fornecer a chave também para uma convivência humana pacífica e harmoniosa.

---

<sup>1</sup> P. ROSSANO, *Religioni in dialogo per la pace*, Brescia 1991, p. 161;

Estive no Japão há muitos anos, a convite de um grande Movimento leigo budista. Muitos dos seus jovens membros me dirigiram uma série de perguntas, uma mais exigente do que a outra. Uma delas era mais ou menos assim:

"Na sua opinião, o que significa a palavra paz?"

Nas anotações que fiz para dar uma resposta, encontrei poucas palavras.

"A paz é efeito da unidade. Quando existe unidade entre nós e Deus, existe a paz interior. Quando existe [a] unidade entre os irmãos, existe a paz na família. Quando existe unidade entre os povos, existe a paz no mundo".

Mas os jovens dispararam outras perguntas: "Sim, a unidade é importante, mas como podemos realizá-la?" Eis outra breve resposta.

"Para realizar a unidade é preciso unir a alma a Deus, fazendo a sua vontade. É preciso unir as gerações, os grupos, pequenos ou grandes; é preciso gerar a unidade entre ricos e pobres (logo, suscitar, de mil maneiras uma certa comunhão de bens); incentivar à unidade pessoas de raças diferentes, de povos diferentes; unir, na medida do possível, também quem segue religiões diferentes e ideologias diferentes".

Essas eram breves anotações daquela época que gostaria de ter aprofundado, porém não tive mais oportunidade... Hoje creio que vale a pena empregar algumas palavras a mais para explicar aquelas afirmações e para confrontá-las com uma experiência de vida.

Há mais de 50 anos, desde o início da experiência que se faz no Movimento dos Focolares, que represento, renova-se sempre a surpresa em ver que o caminho espiritual, pelo qual Deus nos conduziu, se intersecta com outros caminhos espirituais e, mesmo mantendo a sua identidade, permite o nosso encontro e amizade com as grandes tradições religiosas da humanidade.

Em outras palavras, obedecendo e escutando o Espírito, nos foi ensinada uma arte que – na minha opinião – é extremamente necessária para o mundo atual: a arte de amar.

Disse E. Fromm, um grande psicólogo do nosso tempo: "A nossa civilização raramente procura aprender a arte de amar e, apesar de buscar desesperadamente o amor, todo o resto é considerado mais importante: o sucesso, o prestígio, o dinheiro, o poder. Quase todas as energias são empregadas para alcançar estes objetivos e quase nenhuma para conhecer a arte de amar".<sup>2</sup>

Com a ajuda do Alto, não foi assim para mim e para milhões de pessoas que conheço. Gostaria, portanto, de comunicar aos senhores, os pontos fundamentais desta arte de amar que aprendemos e procuramos praticar nas nossas famílias, na sociedade, nos Estados e nas relações internacionais.

É uma arte que deve ser vivida e reavivada sempre para dar mais sentido, aliás, para dar sentido pleno a todo o trabalho que nos espera.

O primeiro passo, a primeira idéia sobre este novo estilo de vida surgiu durante a Segunda Guerra Mundial. Vendo destruídos os nossos ideais e tendo perdido todos os nossos bens materiais, sentíamos o dever de nos apegar a [qualquer coisa] algo que não passasse e que nenhuma bomba pudesse destruir: Deus.

Nós o escolhemos como único ideal da nossa vida, acreditando, apesar das circunstâncias, no Seu amor de Pai, que ama todos os homens da terra.

Porém, é evidente que não bastava acreditar no amor de Deus, não bastava ter feito a grande escolha dele como ideal de vida. A presença e os cuidados de um pai estimulam cada um a agir como filho, a amar por sua vez o pai, a atuar todos os dias o particular desígnio de amor que o Pai tem para todos, isto é, cada um é chamado a fazer a Sua vontade.

E sabemos que a primeira vontade de um pai é que os filhos, todos os filhos, se tratem como irmãos, se queiram bem, se amem.

---

<sup>2</sup> E. FROMM, *L'arte di amare, Il saggiaiore*, Milão 1971, p. 18;

Esta arte exige que amemos a todos, como Deus ama, sem distinção. Não se deve escolher entre o simpático e o antipático, o bonito e o feio, o da minha pátria ou o estrangeiro, entre o branco, o negro ou o amarelo, o europeu ou o americano, o africano ou o asiático, o cristão ou o judeu, o muçulmano ou o hinduísta... Utilizando uma linguagem que vocês conhecem, podemos dizer que o amor não conhece "nenhuma forma de discriminação".

Além disso, para um cristão todos devem ser amados, porque por trás de cada um está Cristo, a quem amamos. Ele nos dirá um dia: "A mim o fizestes" (Cf. Mt 25, 40).

Mas esta mesma fé no amor que Deus tem pelas suas criaturas, encontramos em muitos irmãos e irmãs de outras religiões, começando por aquelas que têm origem em Abraão, as quais afirmam a unidade do gênero humano, o cuidado de Deus pela humanidade e o dever que cada criatura tem de agir, como o Criador, com imensa misericórdia para com todos.

Um ditado muçulmano diz: "Deus perdoa cem vezes, mas reserva a sua suprema misericórdia para quem, por compaixão, tiver poupado a menor das suas criaturas".<sup>3</sup>

E o que dizer da incomensurável compaixão por cada ser vivo ensinada por Buda? Ele dizia aos seus primeiros discípulos: "Ó, monges, vocês deveriam agir para o bem-estar de muitos, para a felicidade de muitos, movidos pela compaixão pelo mundo, pelo bem-estar (...) dos homens".<sup>4</sup>

Portanto, este é o primeiro ponto da arte de amar: amar a todos, sem distinção.

Mas existe outra característica deste amor que é conhecida, exortada por todos os livros sagrados. Se fosse vivida, ela [sozinha] já seria suficiente para fazer do mundo uma grande família: amar como a si mesmos, fazer aos outros o que gostaríamos que os outros nos fizessem. Não fazer aos outros aquilo que não gostaríamos que os outros nos fizessem. Chama-se a Regra de ouro, muito bem expressa por Gandhi quando afirmou: "Eu e você somos uma coisa só. Não posso machucá-lo sem me ferir".<sup>5</sup>

Deste princípio desabrocha uma norma que, por si só, se fosse aplicada, seria a maior fonte de harmonia entre indivíduos e grupos, tanto no seio das famílias como dos países. Imaginem como seria o mundo se a Regra de ouro, além de ser praticada entre os indivíduos, fosse praticada também entre os povos, as etnias, os países: "Amar, por exemplo, a pátria alheia como a própria".

Pude comunicar este nosso sonho a políticos e estadistas de muitos países e tive a certeza de que a mensagem tocou muitos corações e já se vêem os frutos.

Todavia, os políticos mesmos e todos aqueles que ocupam cargos de responsabilidade em vista do bem comum precisam do nosso apoio. Eles precisam ver que existem pessoas diferentes em suas tradições, culturas e convicções, mas que se mantêm em contato, superando todas as barreiras, que estão atentas umas às outras, ajudando-se concretamente a enfrentar os seus problemas cotidianos.

Outro passo da arte de amar – e que talvez seja o mais exigente de todos – coloca à prova a autenticidade do amor, a sua pureza, e por isso mesmo a sua real capacidade de gerar a paz. Trata-se de ser os primeiros a amar, sem esperar que a iniciativa seja do irmão. Devemos ser os primeiros a nos mover, a tomar a iniciativa.

Este modo de amar nos expõe em primeira pessoa, mas, se quisermos amar como Deus ama e desenvolver esta capacidade de amor que Deus colocou nos nossos corações, devemos fazer como ele, que não esperou ser amado por nós, mas nos demonstrou sempre e de mil maneiras que ele nos ama primeiro, qualquer que seja a nossa resposta.

<sup>3</sup> . G.M. GUZZETTI, *Islam in preghiera*, Roma 1991, p. 136;

<sup>4</sup> . MAHAGGA, 19;

<sup>5</sup> . WILHELM MÜHS, *Parole del Cuore*. Milão, 1996, p. 82;

Fomos criados como um dom para os outros e realizamos o nosso ser comprometendo-nos em amar os nossos irmãos e irmãs com aquele amor que antecede qualquer iniciativa de amor deles. É o que nos ensinam com a própria vida todos os grandes fundadores de religiões. Buda, por exemplo, "não só ensinou a não violência e a paz, mas chegou a apresentar-se pessoalmente no campo de batalha e a intervir para prevenir a guerra entre povos e religiões".<sup>6</sup>

Jesus deu o exemplo e disse: "Ninguém tem maior amor do que este: dar a vida pelos seus amigos" (Jo 15, 13), e ele a deu realmente.

Quando a decisão de ser o primeiro a amar é vivida por duas ou mais pessoas, o fruto é o amor recíproco, o fundamento seguro da paz e da unidade do mundo, capaz de gerar a família humana universal, que supera o limitado conceito de sociedade internacional; aquela família em cujo seio os relacionamentos entre pessoas, grupos, povos, são tais que conseguem abater todo tipo de divisão e barreira, em qualquer época.

É claro que para qualquer um que se comprometa hoje a transportar as montanhas do ódio e da violência, a missão é pesada. Mas – isso é importante – o que é impossível a milhões de homens isolados e divididos, parece tornar-se possível para pessoas que fizeram do amor recíproco, da compreensão recíproca, da unidade, a força essencial da própria existência.

E tudo isso tem um porquê, uma chave secreta e um nome. Quando estabelecemos um diálogo entre nós, pessoas das mais variadas religiões, quando nos abrimos um ao outro num diálogo baseado na benevolência humana, na estima recíproca, no respeito, nos abrimos também a Deus e "fazemos com que – são palavras de João Paulo II – Deus esteja presente no nosso meio".<sup>7</sup>

Eis o grande fruto do nosso amor recíproco e a força secreta que dá vigor e sucesso aos nossos esforços pela paz. É aquilo que o Evangelho anuncia aos cristãos quando diz que se duas ou mais pessoas se unem no amor verdadeiro, Cristo mesmo, que é a paz, está presente entre elas e, portanto, em cada uma delas.

E que garantia melhor podemos ter da presença de Deus, que possibilidade superior pode existir para aqueles que querem ser instrumentos de fraternidade e de paz?

Este amor recíproco, a unidade, que dá tanta alegria a quem a coloca em prática, requer esforço, treinamento cotidiano, sacrifício.

E aqui se manifesta, com toda a sua luminosidade e o seu drama, na linguagem cristã, uma palavra que o mundo não quer ouvir, porque considerada insensata, absurda, incongruente. Esta palavra é: cruz. Não se faz nada de positivo, de útil, de fecundo no mundo sem conhecer, sem saber aceitar o esforço, o sofrimento, em resumo, sem a cruz.

Não é uma brincadeira dedicar-se de corpo e alma à vivência e à difusão da paz! É preciso ter coragem. É preciso saber sofrer.

No fundo, não foi da recordação do sofrimento e da dor da Segunda Guerra Mundial que nasceu a ONU?

E não foi provavelmente da recordação desses absurdos sofrimentos afligidos uns aos outros, e da vontade de eliminar todos os conflitos justamente em nome das convicções religiosas que nasceu a Conferência Mundial das Religiões pela Paz?

Mas voltemos ao tema da "arte de amar". Existe um ponto sobre o qual gostaria de falar e que ensina como colocar em prática o verdadeiro amor pelos outros.

<sup>6</sup> . W. RAHULA, *L'insegnamento di Buddha*, Roma 1996, p. 102;

<sup>7</sup> . JOÃO PAULO II a Madras, *Il dialogo interreligioso nel magistero pontificio*, Ed. Vaticana, p. 385;

É uma fórmula simples, composta de duas únicas palavras: “fazer-se um”.

"Fazer-se um" com os outros significa assumir os seus pesos, as suas preocupações, os seus sofrimentos e as suas alegrias.

O "fazer-se um" vale acima de tudo no diálogo inter-religioso. Está escrito: "Conhecer a religião do outro implica entrar na sua pele, ver o mundo com os seus olhos, penetrar no que representa para ele ser hinduísta, muçulmano, hebreu, budista".<sup>8</sup>

Mas este "viver o outro" engloba todos os aspectos da vida e é a máxima expressão do amor, porque:

- vivendo assim estamos mortos a nós mesmos, ao nosso eu e a todo apego;
- podemos realizar o "nada de nós", ao qual aspiram as grandes espiritualidades e o "vazio de amor" que se realiza no ato de acolher o outro;
- damos espaço ao outro, que assim encontrará sempre um lugar no nosso coração;
- significa "colocar-se perante todos numa posição de quem aprende, porque temos sempre o que aprender realmente".

Tudo isso, é lógico, não é apenas gentileza, compreensão, não é uma técnica de "relações humanas", uma tática para obter consensos, para vender as próprias idéias. O amor tem um único objetivo: doar-se totalmente e sem interesse algum.

O que expliquei não é uma utopia. É uma realidade vivida, durante mais de meio século, por milhões de pessoas, é uma experiência piloto daquela "convivência fraterna" em nome da religião que é a característica desta Assembléia.

Tentei partilhar com os senhores os pontos fundamentais de uma espiritualidade, que nasceu numa Igreja e religião determinadas, mas é universal e pode ser vivida por todos.

Por ela, de fato, foram abertos fecundos diálogos: entre cristãos de muitas Igrejas, entre fiéis de diversas religiões, e entre pessoas das mais variadas culturas. E juntos nos encaminhamos para aquela plenitude da verdade que buscamos.

Hoje, por meio desta espiritualidade, homens e mulheres de quase todas as nações do mundo, lentamente mas com decisão, estão tentando ser, pelo menos lá onde se encontram, sementes de um povo novo, de um mundo de paz, mais solidário sobretudo para com os pequenos, os mais pobres, sementes de um mundo mais unido.

Por ela sentimos o dever de estar aqui presentes, neste encontro entre fiéis de várias religiões, para dar a nossa contribuição aos esforços que todos os homens e mulheres de boa vontade estão realizando em favor de uma convivência pacífica.

[...]

---

<sup>8</sup> . F. WHALING, *Christian Theology and World Religions: a Global Approach*, Londres 1986, p. 130-131;